

# “Enviados ao mundo” sob o aspecto Bíblico-Teológico

*Conferência proferida no Concílio Regional em Lageado a 30 de agosto de 1969*

## *Introdução*

A primeira cristandade estava imbuída da obrigação de levar o evangelho a todos os povos. No livro dos Atos (1,8) lemos palavras do Jesus ressurreto, dizendo: “Sereis as minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.” E o apóstolo Paulo escreve aos romanos (cap. 1,14.15): “Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma.” A tarefa da primeira cristandade é também a nossa, pois a obra de levar o evangelho aos povos não está concluída, enquanto o mundo existir. Ninguém nasce como cristão, de modo que a pregação do evangelho por um lado, e a aceitação da mensagem por outro constituem incumbência e ação sempre novas. Em cada época e em todo o lugar a Igreja de Cristo é enviada ao mundo, sendo por isso necessário que ela se conscientize, de tempos em tempos, dessa sua missão.

O maior perigo da Igreja talvez não consista em que ela esquecesse por completo a sua tarefa, o maior perigo vejo eu em falsos conceitos a respeito de sua missão ao mundo. Que significa “ser enviado ao mundo” nos tempos de hoje? Cumprimos, como Igreja evangélica, com o nosso dever de sermos Igreja para os povos? Ou somos apenas um clube exclusivo de pessoas com interesses casualmente iguais, deixando de irradiar a mensagem que como tesouro nos foi confiada? Que devem os discípulos de Jesus fazer para permanecerem fiéis ao evangelho e àquele que confessam ser o seu Senhor?

## *I. Considerações teológicas fundamentais.*

Cristãos são enviados ao mundo, eles são a luz do mundo, como Jesus o diz no sermão da montanha. Mas que significa “mundo”? Podemos distinguir na concepção bíblica cinco aspectos desse termo que para uma compreensão adequada da missão da cristandade são essências.

1) O "mundo" é, em primeiro lugar, o conjunto dos povos ou das nações. Se Deus julgará o mundo (Rom 3,6), então é claro que êle julgará a humanidade. E se o Evangelista João afirma que Deus amou ao mundo de tal forma que deu o seu Filho unigênito, então são evidentemente os homens o objeto do amor divino (João 3,16). Os cristãos enviados ao mundo, são enviados à totalidade dos povos que habitam a terra.

2) Um segundo uso da palavra "mundo" ultrapassa o significado "povos, humanidade". Pois "mundo" é termo que resume em si tudo o que Deus criou. Céus e terra foram feitos por suas mãos (conf. Gen. 1), de modo que Deus é o Senhor de tudo que existe. Se Deus vem ao mundo, então Êle vem ao que é seu (João 1,11 ss), então o criado se dirige à sua criação. A humanidade é parte dessa criação de Deus e ela vive em solidariedade com as demais criaturas. Isso significa, com relação ao nosso tema: Os cristãos são enviados àquilo que é obra de Deus e que já lhe pertence.

3) Êste mundo, criado por Deus, é, no entanto, o mundo no qual reinam o pecado, a morte, os sofrimentos, o ódio e o mal. Poderes destrutivos nêle se manifestam, trevas cobrem a terra que se encontra em revolta contra o criador, negando-lhe os seus direitos. Os cristãos são enviados a uma humanidade em desobediência a seu Senhor, a um mundo que em sua estrutura e em sua apresentação atual não mais reflete a vontade e o senhorio de Deus.

4) Todavia, êste mundo justamente é o objeto do amor de Deus, é o lugar de sua revelação, é o mundo do qual Deus se compaixou e o qual Êle quer salvar. Já ao patriarca Abraão é dada a promessa: "em ti serão benditas tôdas as famílias da terra" (Gen 12,3), sendo cumprida essa promessa em Jesus Cristo. Êste veio ao mundo para salvar o que estava perdido (Mt 18,11), ou para dizê-lo com as palavras de Jesus segundo o evangelho de João (cap. 12,46): "Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquêle que crê em mim não permaneça nas trevas." E com tôda a ênfase deve ser dito: Por meio de Jesus Cristo Deus já reconciliou o mundo consigo mesmo (2.Cor 5,19), de modo que o mundo tem a sua salvação em Cristo já agora. É preciso apenas aceitá-la. Portanto, os que são enviados se dirigem àquele mundo, ao qual Deus sacrificou o seu Filho. É o mundo que Deus não deixou de amar, é o mundo que pelo amor de Deus é salvo.

5) A salvação definitiva, porém, a cristandade espera de um nôvo mundo (2. Pedro 3,13). O velho passa, está condenado a desaparecer. O velho mundo, isto é justamente aquêle mundo do pecado, da morte e dos sofrimentos. Aparece o nôvo mundo de Deus, o mundo do amor, da vida, da justiça, o mundo que corresponde às intenções criadoras de Deus.

Entretanto, devemos precaver-nos contra um conceito errôneo. Se a Bíblia contrapõe o nôvo mundo ao velho, então não se pode entender isso assim, como se o nôvo mundo fôsse exclusivamente uma grandeza do futuro, do transcendente, do além. Certo é que a nova criação permanece sendo objeto de esperança dos cristãos.

Virá o dia em que Deus porá têrmo aos sofrimentos, à morte e ao mal, e, não obstante, êsse nôvo mundo já aqui, na terra, hoje se pode concretizar e isso acontece, onde alguém está "em Cristo". Em 2. Cor 5,17 lemos: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas." É neste nosso mundo que o velho deve desaparecer para ceder lugar ao mundo reconciliado que em Cristo já foi estabelecido e criado. Onde reinarem fé, amor e esperança, onde houver justiça, consôlo e confiança, ali vislumbra ao menos uma parte dêste nôvo mundo, pelo qual a humanidade tem fome e sêde. Que os cristãos são enviados ao mundo, significa, sob êsse aspecto, que êles são enviados a um mundo chamado para se tornar cada vez mais o mundo nôvo de Deus.

Algumas consequências, resultando da observação dêsses diferentes aspectos do têrmo mundo, parecem-me notáveis:

Se falarmos, na Igreja, do "mundo" devemos observar todos os aspectos destacados. Onde cristãos desprezam o mundo, onde o têrmo tem apenas conteúdo negativo, onde o mundano por ser mundano fôr incriminado, rejeitado, odiado, menosprezado, ali é esquecido que o mundo permanece sendo a criação de Deus, à qual Deus enviou o seu Filho. Os cristãos têm direito algum de odiar o que Deus amou. Além disso, quem se separa do mundo profano, quem se distancia como crente dos julgados pecadores, êsse não sabe que êle mesmo não deixa de ser pecador e que êle continua sendo uma parte dêsse mundo pecaminoso, ao qual êle se julga tão imensamente superior. Cristãos não levam ao mundo a mensagem do juízo, mas a do amor de Deus, e onde os enviados não amarem o mundo, ao qual são enviados, ali a sua missão fracassou.

Por outro lado, naturalmente, é preciso dizer que a mensagem cristã dá motivo algum para endeusar o mundo, no qual vivemos. O mundo não é Deus e a criação não pode ser adorada como o próprio criador. Objetividade nos nossos juízos por sôbre o mundo é exigência indispensável. Quem se identifica com o mundo sem reservas, quem aprova, em falta de crítica, o que no mundo acontece e o que se faz, quem se entrega ao mundo desenfreadamente, êste esquece que Deus não amou o pecado, mas o pecador, e isso é algo diferente. Posições extremas representam perigo também para a Igreja. Ela deve defender-se sempre de nôvo contra uma condenação impiedosa do mundo por um lado e contra a apoteose entusiástica do mesmo por outro. Ambas as atitudes são igualmente perigosas para a cristandade.

O exame do têrmo "mundo" encaminhou a resposta às perguntas, porque cristãos são enviados ao mundo e qual a sua mensagem. Certamente nos lembramos da ordem de Jesus Cristo, dada aos seus discípulos: "Ide, portanto, fazei discípulos de tôdas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28,19). Essa ordem em si, no entanto, não basta para justificar a missão dos cristãos. Ela seria insuficiente, se não fôsse precedida pelas palavras: "Tôda a autoridade me foi da-

da no céu e na terra” (Mt 28,18). É no conteúdo da mensagem que reside o motivo da missão dos cristãos. Jesus é o Senhor do mundo e o seu domínio significa o domínio do amor, do perdão, da graça, da verdade e da justiça. O mundo não deve permanecer assim como êle é, pois Deus amou ao mundo e o quer sanar. E nós, os seus emissários, anunciamos o amor, cuja concretização visível é Jesus Cristo. O apóstolo Paulo percorreu o mundo de então quase como um possesso — por que? Porque experimentara a graça regeneradora e o amor salvífico de Deus, porque experimentara o Senhorio redentor de Jesus Cristo. E a grande legião de missionários anônimos, levando a efeito a grandiosa obra missionária da primeira cristandade, recebeu os seus impulsos pela mesma experiência e convicção. Os cristãos são devedores do mundo, porque lhe devem a mensagem pela qual os homens anseiam, seja explicitamente ou não.

A mensagem bíblica é universal e de alcance universal. Onde reduzirmos a autoridade de Cristo a alguns setores exclusivos do nosso mundo, ali negamos o seu domínio universal e não mais correspondemos à nossa responsabilidade, expressa nas palavras de Jesus: “Vós sois a luz do mundo.” Deus amou o mundo e se amarmos o mundo tal qual Ele o amou, então não podemos a não ser propagar e divulgar o que cremos. A posse do evangelho não é privilégio de uns poucos, o evangelho é destinado a todo o mundo.

Resumo: Nós somos enviados ao mundo, porque amor, fé e esperança devem reinar entre os homens, e isso significa: que Jesus Cristo deve reinar.

## II. *Como realizou a primeira cristandade a sua missão ao mundo?*

O nosso mundo de hoje é diferente do de então. Ciência e técnica transformaram a nossa vida, proporcionando-nos mais saber, mais possibilidades, mais poder, mas também mais problemas. Por isso não podemos copiar simplesmente os métodos missionários da primeira cristandade, mas devemos achar os nossos próprios. Todavia, um retrospecto à prática missionária da primeira cristandade poderá ser imensamente instrutivo. Talvez possamos descobrir alguns princípios que não deveríamos ignorar nos dias de hoje.

1) Em primeiro lugar podemos registrar uma notável adaptação dos cristãos ao mundo. Para muitos dos nossos contemporâneos a diversidade e as divergências do testemunho bíblico constituem problema. Mateus diverge de Marcos e Lucas, êsses novamente de João, Paulo não escreve exatamente o mesmo como Pedro e Tiago, etc. Mas quem sabe um pouco da história da primeira cristandade, sabe que assim tem de ser. Pois os gregos tinham outras perguntas e outros problemas do que os judeus, e as comunidades da Síria eram confrontadas com outras dificuldades

e com um outro ambiente do que a comunidade de Jerusalém. E cada vez tinha de ser achada uma resposta à pergunta: Que significa crer em Cristo, que significa ser cristão no nosso ambiente específico? A pregação cristã deve adaptar-se, de certa forma, ao ouvinte, o que foi formulado de maneira clássica por Paulo em 1. Cor. 9,19 ss: "Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus;" etc. Isso não é um simples truque, mas uma necessidade, resultando da universalidade da mensagem cristã. Pois é indispensável que os homens entendam a mensagem. Sim, justamente porque a mensagem cristã deve permanecer a mesma, é necessário que ela seja pregada a pessoas diferentes de maneira diferente. O conteúdo deve permanecer o mesmo, mas para que isso aconteça, é necessário adaptar a forma de pregação aos conceitos, à língua, às condições de compreensão dos homens e da sociedade respectiva.

O conteúdo da prédica é o constante, a forma da pregação é o variável. Quem analisar atenciosamente a 1.<sup>a</sup> carta aos Coríntios e a carta aos Romanos, irá descobrir que o mesmo autor, Paulo, emprega linguagem, termos e conceitos ambas as vezes diferentes e isso, apesar de ser o conteúdo essencialmente o mesmo. A doutrina da justificação pela fé, por exemplo, abrange em Romanos largo espaço, enquanto que uma terminologia respectiva se omite quase que totalmente no escrito aos coríntios. E não obstante, também a êsses cristãos Paulo prega justificação pela graça e pela fé, se bem que em novos termos. Isso mostra de maneira exemplar a adaptação de Paulo aos seus leitores gregos. Falta de adaptação nesse sentido igualar-se-ia a uma falta de amor.

Também em outros setores da vida cristã aparece uma tal adaptação. Aos filipenses Paulo escreve: "Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (cap. 4,8). O cristão certamente não deriva as normas do seu agir do mundo, mas êle pode agir, não obstante, em conformidade com princípios profanos, desde que êsses correspondam ao evangelho. Isso quer dizer, nem tudo o que é "mundano" deve ser rejeitado necessariamente. Antes, os cristãos são chamados a discernir o aceitável, o bom, o proveitoso. A atitude cristã frente ao mundo jamais pode resumir-se em mero protesto, ela também pode estar em conformidade com devisas do mundo não-cristão e até certo ponto, nelas orientar-se.

Basta acrescentar que o amor pode, inclusive, exigir adaptação dos cristãos a costumes e a práticas que em si são relativos e indiferentes. Naturalmente, existem escândalos necessários, existem protestos que devem ser manifestados, mas constitui falta de prudência e falta de amor causar escândalos supérfluos. Em

tais casos surge a suspeita de que o meu individualismo é a causa promotora do meu protesto.

Conclusão: Uma certa adaptação ao mundo é, para o melhor desempenho da missão dos cristãos, necessário e resulta da exigência do amor ao próximo. Também Deus se adaptou a nós, tornando-se homem em Jesus Cristo. Ele o fez para que nós o pudessemos ouvir e entender.

2) Por outro lado observamos na primeira cristandade um claro distanciamento do mundo. "Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo." lemos em 1. João 2,15. Como deve ser entendido isso? É o mundo do mal que não deve ser amado. Quem serve a Deus, não mais pode servir ao mal, pois Cristo nos libertou do jugo do pecado, êle nos livrou dos poderes escravizantes, de modo que não podemos voltar para trás e amar as cadeias, das quais fomos e seremos definitivamente libertados na perfeição. Sem dúvida, também os cristãos ainda estão sujeitos a pecar, mas êles jamais podem amar o pecado. Em formulação paradoxal eu diria: Nós amamos o mundo dos pecadores, mas odiamos o mundo do pecado, porque êle contradiz o senhorio de Deus. Quem amar o mundo nêsse sentido, êsse é capaz de amar a Deus e aos homens.

Essa atitude crítica frente ao mundo se mostra no Nôvo Testamento nitidamente. Quando, em Corinto, membros da comunidade se tinham entregado a uma vida extravagante e desenfreada, o apóstolo Paulo reagiu fortemente. "Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" — assim êle pergunta (1. Cor. 3,16). E as múltiplas exortações encontradas no Nôvo Testamento têm o sentido de conscientizar os cristãos da novidade de vida, na qual são chamados a andarem.

De maneira mais ampla podemos dizer que o movimento cristão é um forte protesto contra as maldades e as deficiências dêste mundo. Se Jesus expulsa os demônios, se êle desmascara a maldade, disfarçada em caridade, dos fariseus, se êle perdoa, onde outros condenam, se Deus julga a fé e não as obras, então isso significa um forte protesto contra o estado atual em que vive o mundo. Por natureza a cristandade não se pode conformar com um mundo em estado precário, ela não pode aderir às vozes, dizendo: Sempre era assim e sempre será assim. Um exemplo concreto do Nôvo Testamento:

A estrutura da antiga sociedade era patriarcal. A escravatura era algo normal, a subordinação da mulher sob o homem lei inviolável. O cristianismo primitivo não chamou a uma revolta armada contra as imposições sociais de então. Isso aos olhos de muitos dos nossos contemporâneos parece ter sido grave erro, a saber que o cristianismo não desencadeou um movimento de protesto contra as estruturas sociais de então. Contudo, apesar de o cristianismo primitivo não ter se engajado em revolução, há

um distanciamento muito forte justamente dessa sociedade. O apóstolo Paulo escreve em Gal. 3,28: "Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus." Por intemédio dessa sentença está sendo desfechado um golpe tremendo contra a antiga forma da sociedade, pois a afirmação de Paulo tem por conseqüência natural o rompimento das barreiras raciais, nacionais, a emancipação da mulher, a abolição da escravidão e do sistema patriarcal. Embora êsse sistema continuasse a persistir, embora tôda a cristandade não se empenhasse em removê-lo oficialmente por lei, surge aqui o protesto claro contra algo que não deveria ser. Quando Paulo enviou Onésimo, o escravo fugitivo, de volta a Filemom, o senhor e proprietário, êle, em verdade, não exigiu que Filemom o libertasse. E não obstante, se Paulo dirige a Filemom o pedido de receber Onésimo não como escravo, mas como irmão caríssimo, então isso corresponde praticamente a uma abolição da escravidão. Algo análogo ocorre no que diz respeito ao convívio de homem e mulher. O Nôvo Testamento exige, dentro dos moldes patriarcais, submissão da espôsa ao marido. Todavia, a exortação, dizendo que os maridos têm a obrigação de amar a espôsa, significa na realidade que o marido não pode tratar a espôsa como submissa (conf. Filip. 2,3!). O autor de 1. Pedro realça, além do mais, que marido e espôsa são juntamente herdeiros da mesma graça, sendo, portanto, perante Deus iguais (cap. 3,7). O evangelho prega uma nova liberdade que contradiz normas e estruturas válidas no mundo. E se o cristianismo não chamou às armas para renovar por violência a sociedade mundana, então não o fêz, porque essa nova liberdade deve ser pregada como evangelho e não como programa político ou social. O lugar, onde as estruturas tradicionais e injustas devem ser superadas, é, por excelência, o âmbito da própria Igreja. É nela que o nôvo mundo de Deus se deve concretizar, antes de tudo e em primeiro lugar.

Êsses exemplos mostram que a Igreja antiga vivia em certo distanciamento do mundo e do ambiente que a cercava. O evangelho, onde êle fôr devidamente pregado, critica instituições humanas, criando um nôvo mundo em meio do velho. A vida da Igreja, as suas normas éticas e sociais não podem ser derivadas simplesmente do que no mundo está em voga, cristãos não são mais dêste mundo, integrados nêle e por êle dirigidos. A Igreja se orienta no nôvo mundo de Deus, e isso representa posição extremamente crítica frente a muito o que no mundo há e se faz. Adaptação ao mundo e distanciamento do mesmo são exigências igualmente importantes, se a Igreja pretende ser o sal da terra e a luz do mundo.

3) Um último aspecto deve ser frisado. É a solidariedade com o mundo, na qual vive o cristão. Sòmente quem se sabe solidário com os homens, pode ajudar-lhes. Deus se tornou homem, Jesus compartilhou a sorte dos miseráveis, dos expulsos da sociedade,

dos que sofrem, dos que morrem, dos alegres e dos tristes, dos abatidos e dos desprezados. Nisso reconhecemos o seu amor. Amor naturalmente não está em condições de aprovar tôdas as coisas — um tal amor seria fraqueza —, mas o amor se sabe unido com o outro, sentado no mesmo barco, vivendo no mesmo mundo e participando dos mesmos problemas, das mesmas perguntas. Quem se considera justo, jamais pode ajudar ao pecador, unicamente o pecador perdoado o pode. Além disso, cristãos não podem esquecer que, se forem justos, o são por graça imerecida. Uma soberbia espiritual, moral e religiosa, traçando linhas divisórias claras entre os maus e os bons, entre os crentes e os descrentes, entre os prontos e os afetados, uma tal soberbia é cruel, deshumana, diabólica. Jesus Cristo assim não agiu, êle se dirigiu como simples homem aos homens, e sejamos alertados por suas palavras, lançadas aos supostos justos como desafio: “Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus” (Mt 21,31).

O distanciamento do mundo, do qual antes falei, jamais pode ter por conseqüência uma separação do mundo que seria idêntica com uma ruptura da solidariedade com os homens. Não sendo mais do mundo, os cristãos vivem, não obstante, no mundo até a consumação dos séculos. E até essa data somos sujeitos às tentações, aos sofrimentos, a tôda a sorte de problemas tão bem como qualquer outro cidadão dessa terra. “Enviados ao mundo” significa justamente isso: Compartilhar os problemas dos demais homens, as suas alegrias, ser-lhes irmãos, assim como Deus se tornou o nosso irmão em Jesus Cristo. Essa solidariedade o apóstolo Paulo tem em vista, quando exorta os romanos (cap. 12,15): “Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram.” E de que necessitam os homens mais do que dessa solidariedade que os arranca da sua imensa solidão, da sua culpa e da sua miséria? Solidarização não significa identificação com o mundo, pois a solidariedade cristã sempre será uma solidariedade crítica, mas uma falta de tal solidariedade é, por um lado, um evidente sinal de falta de amor e, por outro, um equívoco tremendo no que concerne a situação do cristão no mundo. Êle não é perfeito, êle continua a caminho da perfeição, assim como Paulo o diz no oitavo capítulo de sua carta aos Romanos: Juntamente com tôda a criação gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos e a redenção do nosso corpo.

Segundo a Bíblia os cristãos são enviados ao mundo, porque Deus amou a sua criação desobediente. Êles são os propagadores dessa mensagem salvífica que em Jesus Cristo tem o seu fundamento e a sua razão. O amor de Deus exige dos enviados aquêle mesmo amor que no desempenho da sua missão se revela em adaptação ao mundo, em distanciamento crítico do mesmo e em solidariedade com os homens. Onde faltar sequer um desses elementos, ali surge o perigo de ser condenada a malôgro a nossa missão.



É isso que teologicamente me parecia ser de importância. O que devemos fazer agora, é confrontar a realidade da nossa Igreja com os resultados obtidos nesse estudo teológico. Os métodos missionários certamente não poderão ser exatamente os mesmos, hoje e antigamente, já que vivemos num mundo diferente, mas a mensagem é idêntica e os perigos da Igreja se nos apresentam de forma semelhante. Eu não posso analisar de maneira ampla a situação e a prática da Igreja atual. Além disso cada pastor e cada comunidade são chamados em particular a prestar contas do seu serviço e a examinar até que ponto têm correspondido à missão, da qual foram incumbidos. E, não obstante, eu gostaria de apontar alguns perigos, contra os quais deveríamos precaver-nos. Talvez possam êsses itens servir de base para uma discussão e para uma conscientização de como temos de levar o evangelho aos povos, hoje, no século XX, como Igreja evangélica.

### III. *Perigos da Igreja atual.*

1) Uma primeira ameaça da Igreja consiste numa emigração dos cristãos do mundo. Sob êsse termo entendo uma separação de mundo profano e Igreja, tendo por conseqüência que ambas as grandezas se tornem estranhas uma à outra. Uma tal emigração dos cristãos pode ser intencionada e pode ser não-intencionada. Ela é intencionada no momento em que cristãos se retiram do mundo mau e vivem uma existência exclusiva como "santos", cujas relações com os descrentes foram cortadas. Numa tal emigração se revela, como eu já tive oportunidade de afirmar, falta de amor. Mas talvez seja mais perigosa para a nossa Igreja uma emigração involutária, manifestando-se no sintoma lamentável de que os homens, os nossos concidadãos, não mais acreditam no que dizemos. A Igreja nada tem a dizer ao mundo. Isso implica no problema da nossa prédica.

a) Que a prédica, muitas vezes, não atinge o homem moderno, tem o seu motivo, não raro, no fato de não ser suficientemente adaptada aos ouvintes. Creio que sempre de nôvo temos de aprender que não transmitimos uma mensagem velha, mas nova. Por isso não podemos nos limitar a uma simples recapitulação de algo já demasiadamente conhecido. A prédica requer de nós o esforço de dizer a mesma mensagem em termos novos e atuais. O texto bíblico, êle só, não basta como fundamento da boa prédica, pois o segundo pilar, por sôbre o qual a proclamação está apoiada, é o próprio ouvinte. A calamidade de muitas prédicas e de muito testemunho pessoal reside, ao meu ver, em que não conhecemos suficientemente o homem, ao qual pregamos — aquêle homem cético, crítico, muitas vezes tão problemático, vivendo num mundo, ao qual a Igreja aparentemente não tem acesso. Assim começa o processo de alienação entre Igreja e mundo. Aqui devemos achar novos caminhos que se nos abrem no momento,

em que fomos capazes de coordenar na própria prédica adaptação ao mundo, distanciamento do mesmo e solidariedade com o ouvinte. O ato de pregar está sendo empreendido, em muitos casos, com demasiada despreocupação e facilidade. Não é difícil dar um testemunho pessoal, mas pregar requer preparo, estudo, responsabilidade, porque à prédica pertence inseparavelmente o ouvinte. As comunidades deveriam compreender que a formação de pastores exige um estudo teológico profundo, pois na teologia nós nos conscientizamos das bases da nossa fé e não queremos correr o risco de que os nossos futuros pastores não tenham o que dizer aos homens de hoje. Mas a formação de pastores exige também um estudo responsável do homem e da sociedade, na qual vivemos. Ambas as coisas são igualmente importantes, pois onde a Igreja perde o contato com os homens "lá fora," ali ela se isola e inicia a emigração dos homens da Igreja.

b) Um segundo e terceiro problema estão relacionados com esse primerio: A Igreja não pode concentrar o seu interesse no indivíduo e na sua alma exclusivamente. Deus não quer salvar unicamente a nossa alma, mas o homem todo. Um dualismo, dividindo o homem em duas partes, corpo e alma, e distinguindo, portanto, entre vida corporal e vida espiritual, é antibíblico. Por isso a Igreja não pode consentir em que do seu interesse seja apenas a alma, a vida espiritual do indivíduo. Ela deve preocupar-se também com as necessidades e os problemas do corpo. O homem é um só, e ele não tem duas vidas, mas uma só. E este homem, com aquela uma vida que ele tem, vive em muitas relações, como membro de uma sociedade determinada, como profissional, como pai ou mãe de família, como solteiro, casado, como consumidor das ofertas da indústria, como cooperador na evolução técnica e nacional, como cidadão, como representante de uma determinada raça, nação, como herdeiro de tradições culturais, ideológicas e como religioso. Se a Igreja pretende atingir com a sua mensagem o homem moderno, ela não pode ignorar o ambiente específico, ela não pode ignorar essas múltiplas relações e obrigações desse homem, pelo qual Cristo também foi morto. As atividades da Igreja, seja prédica, ensino, seja trabalho social, etc. têm implicâncias públicas. Os cristãos não são enviados à alma do próximo, mas ao mundo. Isso naturalmente não significa que a Igreja devesse dar o seu palpite com referência a todos os problemas da vida pública — em certos casos talvez seja necessário também isso —, mas ela deve proclamar o Senhorio de Jesus Cristo por sobre todos os setores da vida humana, caso contrário ela trai o Senhor do mundo.

c) O que tenho de citar como ponto três, é uma decorrência dessa indivisibilidade do homem. Também nas nossas comunidades se faz sentir freqüentemente uma separação ilegítima de mundo profano e de mundo religioso. Isso se concretiza de duas formas, ambas extremamente perigosas. Por um lado registra-se uma esquizofrenia do próprio cristão que é religioso apenas es-

porãdicamente, a saber, aos domingos, dentro dos recintos sagrados, e no contato com órgãos e entidades religiosos. Muitos não querem ser a-religiosos, mas a sua religiosidade abrange apenas parte dos setores de sua vida, vivendo o homem dessarte em duas esferas, a profana e a religiosa. Na profissão, na família, na vida particular a religião não se projeta, não se manifesta, de modo que pode surgir a grande mentira, que é flagelo também em setores profanos, que ora se diz assim, ora assim, que uma vez se age assim, outra vez de maneira diferente. Se a simples chegada de um pastor provoca uma transformação completa de um ambiente ainda antes normal, algo está errado, ou no pastor, ou nos membros da comunidade. Tais coisas nutrem e cultivam a hipocrisia dentro da Igreja. Como cristãos deveríamos aprender de novo o significado da introdução ao decálogo, dizendo: "Eu sou o Senhor teu Deus," pois o Senhorio de Deus se estende por sobre tôdas as atividades da nossa vida. Ele está presente tanto no baile, como no negócio e no culto dominical. Se um pensamento social não tiver possibilidades de ingressar nem mesmo nas nossas próprias comunidades, se nós mesmos não agirmos em espírito social, como poderemos exigi-lo dos outros? O mundo de Deus quer irromper no nosso mundo, mas onde êle poderá concretizar-se, se não em primeiro lugar dentro da Igreja? O que urge aqui, é uma integração de mundo profano e religioso, pois somente o que vivemos é, em última análise, o que realmente cremos.

Também em outro sentido uma separação de mundo profano e mundo religioso prejudica a nossa missão ao mundo. Essa existe ali, onde a comunidade está sendo compreendida como mero clube religioso ou como sociedade à maneira de muitas outras. Nesse caso o pastor tem como função única — eu peço perdão pela formulação — a tarefa de satisfazer necessidades religiosas, de dar um enfeite sacral aos acontecimentos mais importantes da nossa vida, como nascimento, casamento e entêrro. A Igreja está aí apenas para servir em determinados casos em que outros não podem prestar serviço análogo. De uma missão ao mundo não se pode falar, sob tais condições, seria ridículo, pois somente os que querem ser servidos, constituem os membros da Igreja, ficando a associação a critério de cada um. Uma tal mentalidade contradiz a natureza da Igreja e seria equivalente a uma perda total da mensagem evangélica. Comunidade é sempre comunidade para os povos, por isso ela deve abrir as suas portas para dar ingresso a todos, ela deve descobrir a sua responsabilidade para a sociedade em que vive, ela não deveria entender-se como simples sociedade religiosa, mas como Igreja, cuja responsabilidade ultrapassa os limites das comunidades locais. Um particularismo comunitário é uma contradição em si e contradiz o fato de sermos enviados ao mundo. Particularismo e exclusividade das comunidades representam uma forma sutil de emigração dos cristãos do mundo, representam uma concentração egoísta e tôla em si mesmo. Mas não nos enganemos: Onde nós emigramos do mundo e dêle

nos isolamos, ali o mundo irá emigrar da Igreja, sendo que o amor de Deus não mais alcança o mundo que por êle tanto espera.

2) Um segundo tipo de perigo, também encontrado na nossa Igreja, consiste numa identificação entusiástica com o mundo ou na imitação não-crítica de formas de vivência mundana. Ao meu ver um certo relativismo religioso tem aqui uma das suas causas. Observa-se que em tôda a parte velhas tradições são abolidas, antigas barreiras são arrancadas. A civilização européia conquistou o nosso globo e está em processo de uniformizar a humanidade. Tradições exclusivas e particulares estão sendo superadas e esquecidas, os meios de comunicação tornaram o mundo menor, por rádio e televisão obtemos rápidas e detalhadas informações, o que faz com o homem moderno se torne sempre mais uniforme. Essa uniformização é transposta também ao setor da Igreja e da religião. Muitos dos nossos contemporâneos simplesmente não compreendem mais o que separa as diferentes denominações, opinando serem apenas tradições antiquadas que impedem a unidade. Isso é de certa forma perigoso. Não porque defendêssemos tradições a serem abolidas, mas porque essa mentalidade não vence os obstáculos, mas dêles desvia. Sem dúvida, é necessário que a Igreja ache a sua unidade, mas essa unidade não pode ser comprada pelo preço do relativismo. Além disso, o que encaminhamos não é uma uniformidade, mas uma verdadeira unidade, uma meta, da qual também um mundo uniforme ainda está longe. Um relativismo religioso dêsse tipo está ameaçado a perder o último resto de sua substância religiosa para ganhar, talvez, uma uniformidade superficial. No diálogo com os que não têm fé idêntica à nossa, só poderemos chegar a um verdadeiro acôrdo, se viermos com mãos cheias, para que, em troca mútua das nossas riquezas, achemos uns aos outros. O que no mundo observamos, não pode ser aplicado, sem reserva alguma, à Igreja. Um relativismo religioso, nesse sentido, representa falta de crítica perante a realidade e pobreza no que diz respeito ao conteúdo da fé.

Um outro perigo é representado por um modernismo eclesiástico inadequado. Acontece que cristãos se apresentam de forma acentuadamente "mundana" para não serem considerados "atrasados" e para causarem impressão. Formas profanas servem, nesse caso, de padrão para a vida da Igreja, a linguagem é conscientemente vulgar e a conduta dos cristãos reflete a vontade explícita de participar da dianteira da humanidade, o que se expressa, muitas vêzes, num radicalismo frente às velhas tradições. É natural que a Igreja deve acompanhar o mundo, isto eu já salientei, mas um modernismo artificial, pretencioso e radical tem pouca chance de convencer. Formas modernas não podem substituir a falta de conteúdo. Tanto o modernismo, copiando e imitando o que se julga ser o mundo, como também o apêgo ao antiquado escolhem critérios de orientação alheios ao evangelho.

E ainda um último problema. A Igreja cedeu, em sua História, repetidas vezes à tentação de legitimar com a sua bênção instituições, ideologias e correntes semelhantes do seu tempo. Ela não se opôs a que fôsse abusada para o sancionamento de coisas suspeitas. A Igreja sancionou guerras, injustiças, um nacionalismo fanático, por vezes até a serviço de ambições particulares. O catálogo dos pecados da Igreja é longo. A Igreja, porém, não pode identificar-se de maneira integral com fenômenos puramente profanos, ela pode oferecer a sua colaboração, isto sim, mas essa colaboração jamais poderá ter a feição de um sancionamento sacral; pois os cristãos são responsáveis àquele supremo Senhor que nem sempre aprova o que nós desejamos. A orientação em Deus e em sua vontade dá à Igreja grande liberdade mas ela pode perder essa liberdade e isso acontece, quando ela se prende a homens, a ideologias, a programas revolucionários ou tradicionalistas, quando ela se torna escrava do mundo. Tudo o que há no mundo, quer tenha o cunho de progressivo ou de conservador, quer de justo ou de injusto, de velho ou de novo, merece, antes da aceitação um exame crítico. Distanciamento do mundo deveria ser possível para os cristãos, porque a fé em Deus nos dispensa da fé no mundo e em coisas mundanas. Quem crê em Deus não precisa crer na criação.

Estou cômico de que muitas perguntas permaneceram abertas, solicitando respostas. Mas não posso respondê-las em sentido completo e total, porque, em última análise, cada um tem a sua responsabilidade particular. O tema "enviados ao mundo" parece-me sugerir o problema, como poderemos amar adequadamente o mundo amado por Deus, e isso significa, ao meu ver, como poderemos coordenar corretamente a adaptação ao mundo, o distanciamento do mesmo e a solidariedade com os homens no nosso agir e pregar. Ver os problemas, entretanto, significa estar a caminho da solução. E é preciso conscientizarmo-nos dos problemas, porque desejamos permanecer fiéis ao nosso Senhor.

Doz. Dr. G. Brakemeier